

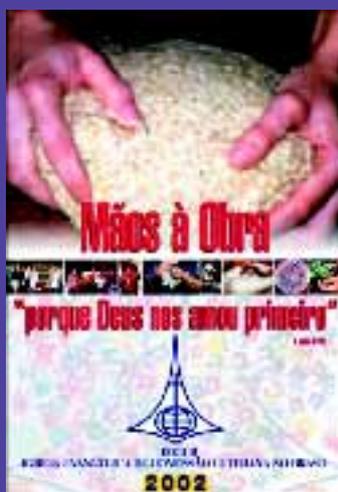


6º Dia Nacional da Diaconia

14 de abril de 2002

Departamento de Diaconia

Igreja Evangélica de
Confissão Luterana no Brasil



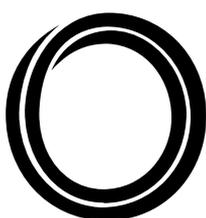
Mãos à Obra

“porque Deus nos amou primeiro”



14 de abril de 2002

6º Dia Nacional da Diaconia



Domingo *Misericórdia Domini* (A misericórdia do Senhor) foi a data escolhida para a celebração, em toda a IECLB, do Dia Nacional da Diaconia. Aprovada pelo Conselho

Diretor, a data é festejada anualmente, desde 1997. Este ano, o Dia Nacional da Diaconia será em 14 de abril.

A cada ano, o Departamento de Diaconia tem elaborado subsídios para a reflexão comunitária e a celebração litúrgica desta data. Os temas já apresentados foram: *O Bom Pastor; Saúde na Bíblia; Liturgia para o Culto Eucarístico; Inclusão da Pessoa Portadora do Vírus da AIDS e Crianças e Adolescentes Empobrecidos.*

A finalidade do Dia Nacional da Diaconia é promover a reflexão e a conscientização das comunidades sobre a Diaconia como algo que faz parte da essência da Igreja e como resposta de fé ao serviço de Jesus em favor da humanidade.

O tema e o lema da IECLB para 2002 – *Mãos à Obra – porque Deus nos amou primeiro* – lembram de dois aspectos fundamentais da Diaconia: a) a sua origem: nada que fazemos ou venhamos a fazer por alguém provém de nós mesmos, mas de Deus, que nos amou primeiro (1 João 4.19); b) e a sua principal característica: ser o amor vivido na prática. Se as mãos não se dispuserem à obra, concretamente, não há diaconia.

Com base neste tema, estamos apresentando para este ano cinco estudos sobre a Diaconia. Eles partem de cinco enfoques principais e buscam estabelecer uma conexão com a vida cristã de cada dia. Por isso, nesse material do Departamento de Diaconia você vai encontrar os seguintes títulos: *Meus Pés - Minha Caminhada; No meio do caminho tinha uma pedra; Ver e também ouvir com o coração; Diaconia - Uma porta que se abre; Diaconia que toca.*

Meus pés – minha Caminhada

Você lembra a última vez que deu atenção especial aos seus pés? Os pés, como os demais membros, são parte integrante do nosso corpo. É importante observar e refletir como Jesus vê e se relaciona com esta parte do corpo. Que exemplo Cristo nos deixou? Como podemos segui-lo? Ponha os pés no caminho para servir. A forma, o jeito de fazê-lo, é fruto do amor que recebemos primeiro.



No meio do caminho tinha uma pedra



A Diaconia, como vivência da fé em atos de amor e solidariedade, deseja ser qual pedra viva. Quer ajudar as pessoas a viverem a sua fé na família, escola, trabalho, ambiente social. Uma pessoa que se deixa enviar por Deus como pedra viva: alivia as dores de quem sofre, ajuda a carregar cargas de outras pessoas, coloca-se ao lado das pessoas cansadas e fragilizadas. Ela ajuda a recuperar a esperança perdida, a construir um mundo com mais diálogo, compreensão, perdão e amor. Se numa comunidade há um núcleo de pessoas que atuam como pedras vivas, a paz e a justiça poderão crescer e se expandir.

Ver e também ouvir com o coração

Olhos e ouvidos são importantes e merecem o nosso cuidado. Mas ter os sentidos da visão e da audição intactos não significa ver e ouvir as coisas como elas são. Visão e a audição vão muito além dos próprios órgãos do corpo humano. Para a Diaconia, o essencial é ver e ouvir com o coração.



Diaconia - Uma porta que se abre



“Dei com o nariz na porta!” Quem já não se defrontou com uma porta fechada na vida? Portas abertas e fechadas são conhecidas de todos nós. Usando a porta como imagem, podemos dizer que a Diaconia quer ser uma porta que interliga a comunidade e o seu contexto. Assim, para além do discurso do amor, a diaconia manifesta-se como um contato bem concreto de Deus com o ser humano que sofre dentro e fora de nossas comunidades.

Diaconia que toca

Várias passagens bíblicas nos mostram que Jesus curou pessoas por meio do contato físico, o toque. Toque, afeto, abraço fazem parte do processo do amor, é natural e saudável nos seres humanos. Na verdade, é necessário à saúde, tanto emocional quanto física. Por isso, quando Deus toca o coração humano, ele está pronto para abraçar e tocar o próximo, acolhê-lo e ajudá-lo a encontrar a dignidade que Jesus oferece. Diaconia que toca é aquela que se envolve com as pessoas.



MEUS PÉS, MINHA CAMINHADA!



A partir da observação da figura acima, reflita sobre as seguintes questões:

De onde vim?

Onde estou?

Para onde vou?

Que sentimentos me evocam estes pés?

14 de abril de 2002

6º Dia Nacional da Diaconia



Dia Nacional da Diaconia 14 de abril de 2002



Estudo nº 01

MEUS PÉS, MINHA CAMINHADA!

Os pés do ser humano são a extremidade inferior das pernas. Quando a pessoa fica em pé, todo volume do corpo fica apoiado sobre os pés. Imaginemos esta pequena superfície de sustentação. Como você se relaciona com seus pés? Eles têm recebido a devida atenção? Faça o exercício: concentre-se intensamente em seus pés.

A imagem do pé na Bíblia muitas vezes ocorre como metáfora, ou seja, em sentido figurado. No Salmo 91.11-12, por exemplo, Deus envia seus anjos para guardar os pés dos seus santos. Em Êxodo 3.5, Deus pede a Moisés para tirar as sandálias, porque o lugar é santo. Descalçar-se diante de alguém, indicava respeito diante desta pessoa ou do Senhor Deus. – Anjos, como mensageiros em nome de Deus! Nós também somos mensageiros, mensageiras em seu nome. - A terra, lugar santo na presença de Deus! No lugar onde estamos, sempre nos expomos diante de Deus.

Refleta sobre o lugar que você ocupa como mensageiro, mensageira!

Joan Puls, em seu livro *Every Bush is Burning* (Cada arbusto está queimando), 1988, diz que santo é o lugar onde você está. Santo também é o alimento que você come, os seus pés cansados, bem como as tragédias que aparecem no noticiário. Tudo merece ser santificado. Tudo quer alertar você para a voz que fala do arbusto que queima, e que diz: “*Eu ouvi o clamor do meu povo*”. Tudo é santo, porque Deus está presente. A autora continua a reflexão, dizendo que é impossível dividir a vida em espiritual e profana. Você sempre é mensageiro, mensageira por inteiro em tudo que você faz e por onde você for. Importa, isto sim, ver o que separa você de Deus. Que atitude, que objeto é empecilho e necessita ser transformado em nova oportunidade para aproximar você de Deus.

A presença de Deus junto de nós é como a nossa própria sombra. Não podemos fugir dela, não podemos deixá-la para trás, nem correr a sua frente. Deus onipresente é a forma como ele nos serve. Cada pessoa, que confessa ser seguidora dos valores de Deus em Jesus Cristo, é chamada para servi-lo. A diaconia que Jesus viveu através de palavras e ações nos desafia hoje a atender de semelhante modo as pessoas em suas necessidades dentro do nosso contexto. É por isso que o profeta Isaías valorizou os pés do que anuncia boas novas. Ele disse: “Que formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas novas, que faz ouvir a paz, que anuncia coisas boas, que faz ouvir a salvação, que diz a Sião: o teu Deus reina!” (Isaías 52.7).

Jesus, em João 13,14-15, demonstra de forma explícita a tarefa que nos dá. Ele nos convida a reacendermos a chama da esperança para quem a perdeu. A anunciar as boas novas de salvação e a fazer ouvir a paz que no sentido bíblico tem a ver com todas as necessidades humanas satisfeitas. Que oportunidades você enxerga para caminhar nos passos de Jesus? Para onde nos levam os nossos pés?

Na Bíblia a palavra ‘pés’ aparece muitas vezes. A chave bíblica da Sociedade Bíblica do Brasil traz 79 citações, referentes a pés. Ainda a Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, vol. 4, diz que no hebraico e grego, o termo aparece 323 vezes.

Hildegart Hertel, Diaconisa e Psicóloga
Diretora do Departamento de Diaconia
da IECLB

TÉCNICA:

Fundo musical, ambiente adequado para relaxar o corpo. Iniciar com respiração profunda. De olhos fechados, voltar a atenção para os próprios pés. Mentalização dirigida ou livre. A dirigida pode ter aspectos semelhantes aos primeiros passos que damos na vida. Exemplo: Alguém ainda lembra de seus primeiros passos? Como foram? Quem estava presente? Quais foram os sentimentos da família presente?

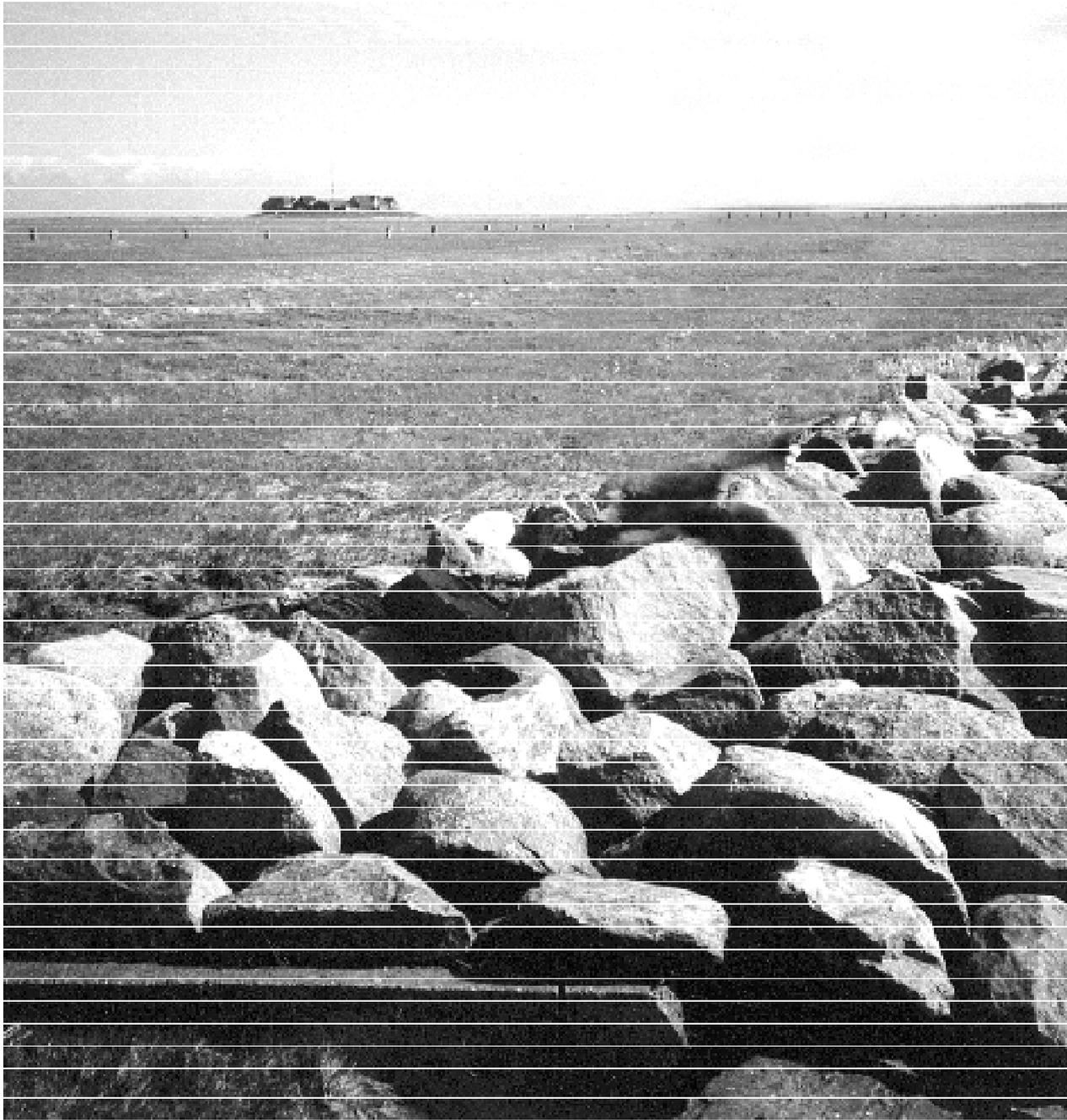
Outra ênfase: Vamos refletir sobre os passos que já demos em nossa vida. Alguém consegue imaginar quantos passos já deu durante sua vida? Ou, quantos passos você ainda dará? E, como será, quando você já não mais puder caminhar? Etc... Após algum tempo de reflexão individual, convidar para voltar ao grupo, para compartilhar a experiência da mentalização.

Uma técnica alternativa: Com fundo musical, cada participante faz sobre uma pilha de papel o contorno de um de seus pés descalço. A figura, então, é dividida em três partes: passado – presente – futuro. Escrever como foram os passos no passado, como está acontecendo no presente, e imaginar, que passos pretende dar no futuro. Após um tempo, compartilhar a experiência vivida, em pequenos grupos.

Bibliografia:

- Champlin, R. N., Bentes, J. M. – Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, Vol 5, São Paulo 1991 (Editora e Distribuidora Candeia).
Cole, R. Alan – Êxodo, São Paulo, 1981 (Edições Nova Vida).
Puls Joan, O .S. F. – Every Bush Is Burning, Geneva, World Council of Churches, 1988.

NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA PEDRA



Na motivação para o diálogo, seguir os seguintes passos:

1. Dialogar sobre tipos de pedras que conhecemos, sua utilidade, valor e alguma experiência significativa que tivemos com pedras.
2. Que relatos da Bíblia conhecemos, que falam de pedras.
3. Simbolicamente, quais são as pedras com que convivemos no cotidiano. O que são pedras na vida, para mim.

14 de abril de 2002

6º Dia Nacional da Diaconia



NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA PEDRA

No estado do Espírito Santo há muito granito de mármore. O estado é rico em pedras, mas o povo é pobre. Os blocos de pedra são transportados em caminhões para beneficiamento (depois de beneficiada, grande quantidade é exportada). Em tempos de chuva as estradas ficam praticamente intransitáveis e o transporte dos blocos de granito torna-se perigoso. Em estradas de chão, com curvas e buracos, se a pedra se desprende e cai, pode causar inúmeros prejuízos para as estradas, casas e pessoas.

Pedras são indispensáveis para construção de casas, prédios e estradas. As pedras preciosas embelezam jóias caríssimas. Contudo, uma pequena pedra dentro do calçado pode trazer grande incômodo. Pedras podem fazer tropeçar e cair. Pedras podem dar segurança. Pedras podem ferir e matar. Mas pedras também podem fortalecer e edificar.

Pedras não são seres vivos. Mas a Bíblia fala da Igreja como um edifício que se constrói com pedras vivas sobre a pedra angular que é Cristo.

Pedras na Bíblia

Na Bíblia encontramos muitas referências à pedra. Ela foi importante na vida das pessoas em todos os tempos. Com pedras se fabricava armas (I Samuel 17.40). Quando afiadas serviam como facas (Êxodo 4.25). Com elas fechava-se cavernas (Josué 10.18) e túmulos (Mateus 27.60). Com pedras se erigiam altares (Gênesis 28.18). Em duas táboas de pedra Deus escreveu os mandamentos (Êxodo 31.18). Pedras eram usadas para cumprir sentença de morte. Um criminoso poderia ser condenado a morrer por apedrejamento.

A grande preocupação das mulheres, na manhã de Páscoa, foi: “Quem nos removerá a pedra?” Ela fechava o túmulo onde Jesus fora enterrado. A pedra determina o bom fundamento para uma edificação. Simão, como discípulo de Jesus, recebe o nome de Pedro, que significa rocha, e Jesus diz que sobre ele vai edificar a sua Igreja.

A Bíblia fala da pedra angular e transfere esta imagem para o próprio Cristo. No Salmo 11.22 diz: “A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra.” Jesus usa esta referência (Mateus 21.42; Marcos 12.10). Ele é a pedra angular. Nele se concretiza a salvação da humanidade. Pedro, ao referir-se a esta passagem (I Pedro 2. 1-10), desafia as pessoas que seguem a Cristo a serem pedras vivas.

Como as pedras, somos também, simultaneamente, instrumentos para edificar e para destruir. Isso lembra a nossa condição de pessoas que vivem da graça de Deus e que, portanto, necessitam constantemente de seu perdão. Ser pedras vivas na Igreja de Cristo é ser instrumento nas mãos de Deus para edificar vida, construindo com as pessoas espaços de liberdade, de justiça e de paz.

Algumas questões

Que pedras somos nós? O que prejudica as pessoas que nos cercam, impedindo que tenham vida boa? Que pedras (sinais palpáveis) desejamos usar para construir algo novo, onde reine a justiça e o amor (Grupo de JE, Mulheres, Presbitério...). O que desejamos construir ainda neste ano? (Planejar, ou reformular, ações diaconais concretas e viáveis com seu grupo e, ou comunidade). O que fazemos com as pedras do caminho?

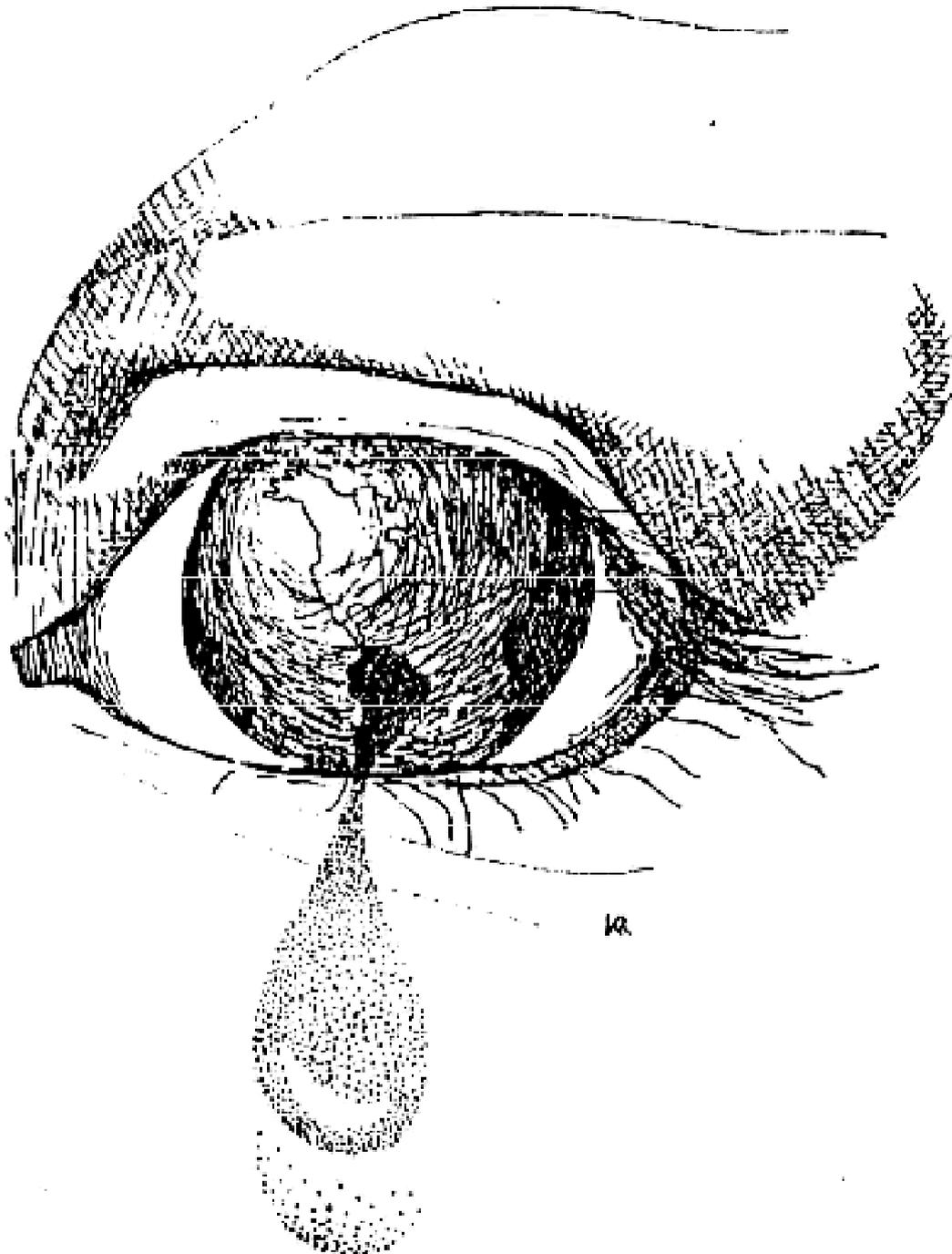
Gisela Beulke, Diaconisa Ms e professora da Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo

TÉCNICA:

Cada pessoa traz alguma pedra e a coloca no altar, ou no centro do círculo. Enquanto as pedras são colocadas pode-se conversar sobre o significado da pedra, conforme sugerido na primeira página.

No final os grupos podem construir algo com estas pedras simbolizando o novo que se deseja construir.

VER E TAMBÉM OUVIR COM O CORAÇÃO

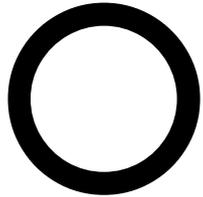


14 de abril de 2002

6º Dia Nacional da Diaconia



VER E TAMBÉM OUVIR COM O CORAÇÃO



s sentidos da visão e da audição são extremamente interligados. Na maioria das vezes, não dá para separar quando utilizamos qualquer um desses sentidos para conhecer o mundo e as pessoas que nos rodeiam. Eles se complementam e cada um tem o seu valor. Na primeira carta de Paulo aos Coríntios 12,16 e 19 podemos ver esta relação: “Se o ouvido disser: Porque não sou olho, não sou do corpo; nem por isso deixa de o ser... Se todos, porém, fossem um só membro, onde estaria o corpo?”.

Ambos são importantes e merecem nosso cuidado. Mas ter os sentidos da visão e da audição intactos não significa ver e ouvir as coisas como elas são. Muitas vezes fazemos julgamentos pelas aparências, pelo exterior (o visual). E quantas vezes julgamos pelo que ouvimos falar de alguém ou de um fato!

No livro *O Pequeno Príncipe*, Sant Exupéry diz que “o essencial é invisível para os olhos. Só se vê bem com o coração.” O que ele está querendo dizer com isto? Como é possível ver com o coração?

Ele fala aqui num sentido figurado. Quer falar da sensibilidade para o ouvir e o ver. Precisamos ter nossos corações abertos. Jesus nos deu vários exemplos disto. Ele se aproximava das pessoas, queria conhecê-las, saber do que precisavam. Ele acolhia a dor de cada um e cada uma. Não se deixava influenciar pelos comentários que marginalizavam um grande número de pessoas.

Com o coração também podemos “ouvir” e “ver” o que não é dito ou demonstrado. No trabalho diaconal é muito importante estar sensíveis para acolher aquilo que as pessoas querem nos dizer através de um olhar, da expressão do rosto ou do corpo.

Jesus, em Mateus 6.22, nos fala dos olhos como a lâmpada do corpo. “Se os seus olhos forem bons, todo o seu corpo será luminoso.” Ele nos convida a exercitar esta outra forma de ver e ouvir as pessoas, de sermos acolhedores e acolhedoras.

Para isto, muitas vezes nem precisamos dos olhos ou dos ouvidos propriamente ditos. Você conhece alguma pessoa cega ou surda e que tem uma compreensão do mundo e uma sensibilidade que parece que vê e ouve normalmente? Esta sensibilidade é dada a cada pessoa. No entanto, algumas a desenvolvem mais que outras.

Você já deve ter ouvido falar do músico e compositor Ludwig Van Beethoven. Ele viveu entre 1770 e 1827. Sua vasta obra musical é uma das mais interpretadas em nossos dias. Foi um homem de idéias avançadas, que deixou em suas composições a marca de seus ideais humanitários. Mas o que nem todos sabem é que Beethoven foi perdendo a audição com o passar do tempo. Com 19 anos já começavam os primeiros sintomas que levaram 20 anos para deixá-lo totalmente surdo. Mesmo assim, continuou tocando e compondo até o fim de seus dias. Para Beethoven, a música era uma necessidade. Ele afirmava: “O que está em meu coração precisa sair à superfície. Por isso preciso compor”.

Algumas reflexões finais

Quais são as diferentes formas de ver e ouvir?

Como acontece a comunicação no seu grupo, na sua comunidade?

Ela ainda está baseada nas aparências?

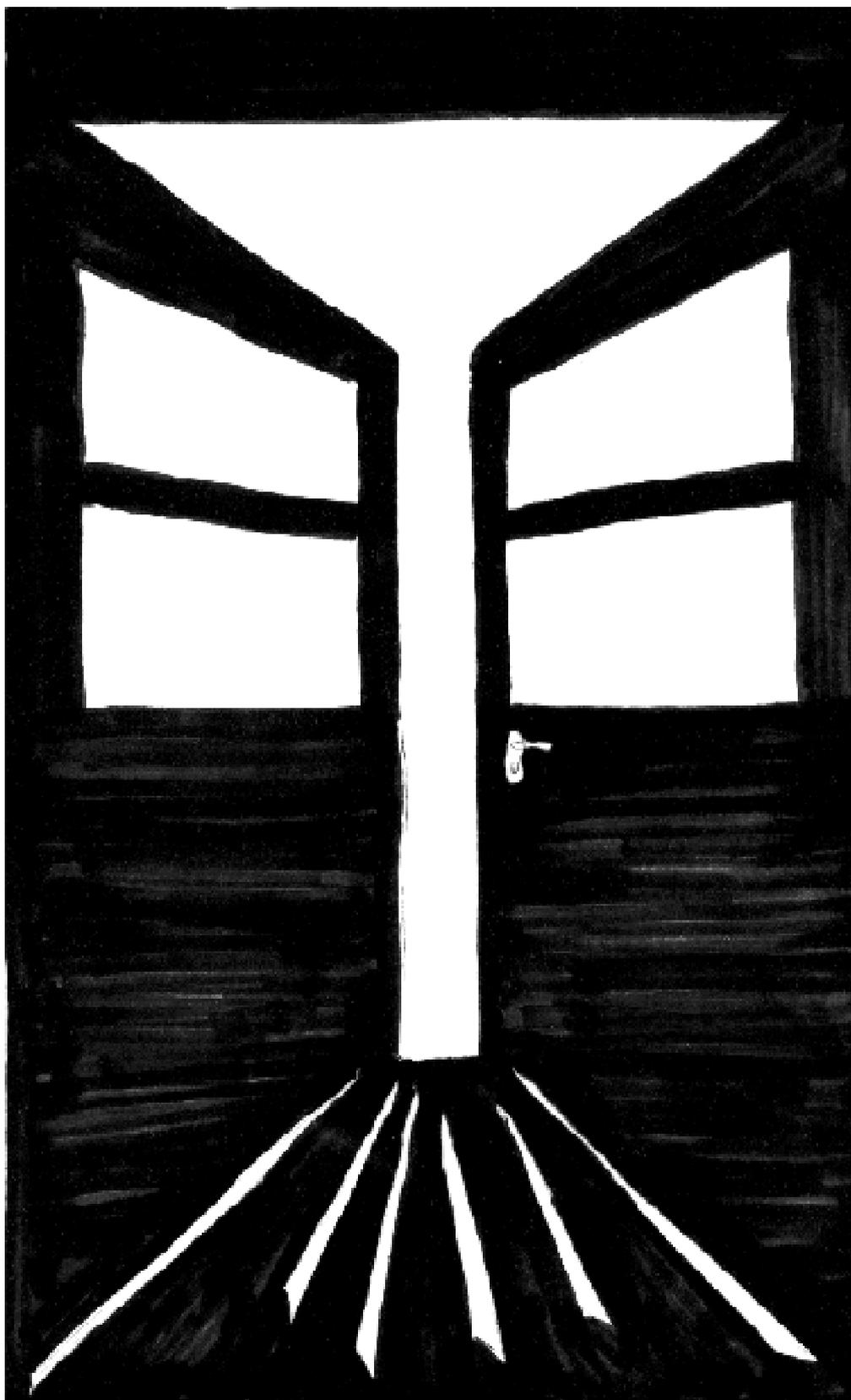
Vera Beatris Walber
Psicóloga e Coordenadora do Dep. de
Diaconia - PPD

TÉCNICA:

1. Com uma música suave, fechar os olhos e ouvir os ruídos e sons que nos rodeiam. Quais são os sons que normalmente passam despercebidos? Quais são os sons familiares? Que sons nos são desconhecidos? Quais são os sentimentos despertados?

2. Em silêncio, pode ser colocada uma música de fundo, o grupo caminha pela sala. Escolher uma pessoa para fazer dupla. Sem falar nada a dupla deve se olhar atentamente. Perceber cada detalhe do rosto do/a companheiro/a. Como vejo a pessoa que está a minha frente? Descubri características que até agora não havia percebido? Como me sinto sendo observada com atenção? Como me sinto observando alguém de forma mais detida?

DIACONIA, UMA PORTA QUE SE ABRE



14 de abril de 2002

6º Dia Nacional da Diaconia



DIACONIA, UMA PORTA QUE SE ABRE

No presente texto, a Diaconia é vista como uma porta que se abre para que a comunidade, e cada membro em particular, se envolva concretamente com os sofrimentos das pessoas, quer dentro, quer fora de seu círculo. A diaconia quer funcionar como um meio para os termos “dentro” e “fora” de uma comunidade irem perdendo o sentido, porque Deus olha e cuida de cada ser humano – e de toda a sua criação – com amor, indistintamente.

Uma porta é fronteira entre o dentro e o fora. Ela pode interligar ou separar. Uma porta fechada lembra segurança, intimidade, abrigo. Saber que podemos fechar a porta nos ajuda a lembrar que queremos preservar o que nos é precioso. Igualmente nos recorda que necessitamos de um pouso seguro e tranqüilo após a labuta. Contudo, um ambiente fechado ou pouco arejado torna-se cansativo e angustiante. Sem a entrada de novos ares, o oxigênio vai rareando, comprometendo a sobrevivência dos que ali vivem.

A porta do desenho possui vidros. Podemos ficar espiando através deles de um lado para o outro, sem nos comprometermos. Mas quem apenas espia pelo vidro, também é confrontado com o que há do outro lado.

A ilustração sugere dar um passo após o outro. Um primeiro passo talvez fosse substituir, em nosso imaginário, a porta maciça pela com vidros. Segue-se o processo de entreabrir a porta e, pouco a pouco, abri-la cada vez mais. É possível que tenhamos escancará-la, porque o novo traz também insegurança. Podemos ensaiar a Diaconia, abrindo a porta de mansinho. Abrindo-nos diaconalmente, construímos, em nossa vida e comunidade, um espaço que vai desmontando com o que eventualmente ficou preso em burocracias, questões étnicas ou outros entraves.

Porta é passagem, movimento, não-acomodação. Essa porta nos lembra da necessidade de criarmos espaços para o novo, mantendo-se o que vem sendo realmente valioso há mais tempo.

Aberta a porta, ela oferece contato. Pessoas se encontram. A porta da diaconia é um convite para sairmos de nossos templos seguros e tranqüilos, ao mesmo tempo em que nos desafia para deixar entrar sem restrições.

Talvez uma das portas mais difíceis de abrir, verdadeiramente, seja a do nosso coração. Há que se construir uma porosidade e uma abertura genuínas, desde nosso mais íntimo, para não cultivarmos uma rigidez como se não houvesse mais o que aprender ou dividir.

A porta tem contato e conhece tanto o lado de dentro quanto o de fora. Ela vai e vem. A Diaconia ensina e aprende, dá e recebe em constante crescimento mútuo. Assim, em estando aberta a porta, é preciso ter clareza quanto a como lidar com as situações de falta de vida digna com que vamos nos defrontando, seja dentro ou fora de nossas comunidades. Por isso, a eficácia de um agir diaconal está relacionada com a avaliação e o planejamento estratégico em conjunto com as pessoas-alvo dessa ação.

Ao abrir-se, a comunidade também dá espaço para desenvolver parcerias com iniciativas do governo, ONGs ou outras entidades, com cujos objetivos se identifica.

Em Apocalipse 3.20, lemos: “Eis que estou à porta e bato”. Quem a abre, recebe Jesus em sua vida e se deixa sensibilizar para abrir-se a quem necessita, como ele mesmo fez. Continue refletindo sobre a idéia da porta e sua relação com a diaconia. E, em seguida, ponha “mãos à obra”.

Ione Georg Pedde
Diácona e estudante de psicologia.

TÉCNICA:

1. Atividade: Confeccionar o desenho de uma porta, previamente ou no grupo. Eventualmente com uma música de fundo, cada pessoa observa o desenho. Que idéias ou sentimentos essa imagem suscita? Entre esse momento individual e o compartilhar no grupo maior, pode-se propor um estágio intermediário, dialogando em duplas ou trios.

2. Reflexão: Existem portas dos mais diversos tipos. Como são as portas da minha casa? Qual o aspecto das portas de minha igreja? Se meu coração tivesse porta, como seria ela?

Perguntas motivadoras complementares: existe alguma porta da qual você lembra em especial? O que nela chama a sua atenção ou marcou você? Alguma vez uma porta foi aberta para você em um momento importante? Houve, em sua vida, alguma situação em que você esperou em vão que uma porta se abrisse? Que experiências de abrir (ou fechar) a porta para alguém você já teve? Coloque-se no lugar de quem está do lado de fora: como você se sente aí? O que gostaria de dizer a quem está dentro?

3. Encaminhamentos: Qual é a primeira atitude que lhe vem à mente pensando em por onde você pode começar? (É possível, já, alinhar passos seguintes?)

O que você pode fazer para motivar quem se limita a assistir as necessidades se avolumando do lado de fora – e de dentro – da porta?

A DIACONIA QUE TOCA



14 de abril de 2002

6º Dia Nacional da Diaconia



A DIACONIA QUE TOCA

Várias passagens bíblicas nos mostram que Jesus curou pessoas por meio do contato físico, o toque. Mateus 8.2 e 3 cita a cura do leproso: “E eis que um leproso, tendo-se aproximado, adorou-o, dizendo: Senhor, se quiseres, podes purificar-me. E Jesus, estendendo a mão, tocou-lhe, dizendo: Quero, fica limpo! E imediatamente ele ficou limpo da sua lepra”.

O contato físico, – o toque, o afeto, o abraço – faz parte do processo do amor, é natural e saudável nos seres humanos. Na verdade, é necessário à saúde, tanto emocional quanto física.

Quantas pessoas poderiam ter aliviadas as suas dores físicas e emocionais com um simples toque ou num abraço! O abraço é milagroso. É medicina muito forte. É remédio sem contra indicação e não há maneira de dá-lo sem recebê-lo de volta. O abraço como sinal de afetividade e de carinho, ajuda a curar a depressão e fortifica os laços conjugais, familiares e de amizade. O uso regular do abraço prolonga a vida, estimula a vontade de viver e de crescer na vida.

No ato do abraçar, unem-se dois corações – o órgão máximo do sentimento –, que ficam pulsando um ao lado do outro, com força e alegria redobrada.

Você sabe quantos abraços precisamos por dia? Sidney Simon, autor de *Caring, Feeling, Touching* (Gostar, Sentir, Tocar), sugere três, enquanto outros recomendam quatro ou cinco. Virgínia Satir, terapeuta familiar, acreditava que precisávamos de oito a doze. Creio que necessitamos de tantos quantos for possível receber.

Da infância à velhice, todos anseiam por um toque amigável, um afago, um abraço reconfortante. Por isso, a miséria afetiva é tão ou mais grave do que a miséria material, porque conduz o ser humano à mesquinhez e à solidão.

Observa-se que a maioria dos adultos não sabe pedir diretamente o que necessita, muitas vezes por vergonha de fazê-lo., ou por orgulho. Também pelo fato de pensar que os outros devem adivinhar suas necessidades. Resultado: frustração!...chateação!...mau humor! ...dor de cabeça!...Um abraço com muito carinho, ou uma mão sobre o ombro, amenizaria esses sentimentos negativos. Nós não precisamos economizar os abraços, com medo de que acabem, pois esses não existem em quantidade limitada.

Praticar Diaconia é colocar-se ao lado da pessoa que tem necessidades. Todo ser humano as tem e necessita de carinho, tanto quanto precisa de comida. É preciso, no entanto, estar atento para acolher os nossos semelhantes com sabedoria e amor.

Quando o leproso suplicou, dizendo: “Se quiseres, podes purificar-me”, Jesus respondeu com um toque. Pelo toque, Jesus mostrou o seu amor. E o amor curou o enfermo. O toque de Jesus num homem “impuro” aos olhos da lei de então, também significou que aquele homem estava “limpo” para voltar ao convívio humano.

Esse toque acolhedor e integrador de Jesus é como o abraço do próprio Deus, que nos recebe em seu colo antes mesmo de o merecermos. É por isso que, quando Deus toca o nosso coração, estamos prontos para abraçar e tocar o nosso próximo, acolhê-lo e ajudá-lo a encontrar a dignidade que Jesus oferece.

Marlene Fuerstenau- Voluntária há 20 anos no trabalho diaconal da Paróquia Evangélica de Santa Cruz- Estudante de Turismo - 5º Semestre - Unisc- Santa Cruz

TÉCNICA:

Formar pequenos grupos e refletir sobre:

1-O toque, o abraço é importante para você? Por quê?

2-Lembras o abraço mais significativo que já recebeste? Quem deu?

3-Você acredita que um abraço pode ajudar na cura de uma doença?

4- Quantos abraços normalmente você dá e recebe diariamente? Quantos gostaria de receber?

5- Pode-se encerrar o encontro, despedindo-se uns dos outros com um abraço.

Bibliografia:

Shinyashiki, Roberto. A Carícia Essencial. 1993

Davis, Phyllis K. O Poder do Toque.